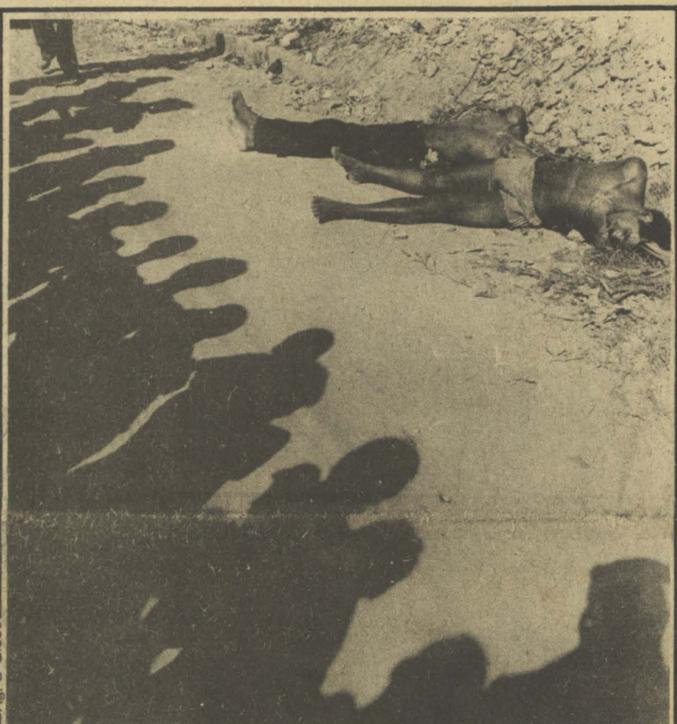


Confirmada opinião do povo

FIGUEIREDO CONFESSA:

MEU GOVERNO NÃO PRESTA



Vítimas do Esquadrão da Morte na Baixada: para intimidar

Show de violência no Rio de Janeiro

Em debates no Rio e São Paulo

Famílias exigem que Exército diga que fim levaram os guerrilheiros do Araguaia

Página 3

Cuidado Light pra não levar um choque!

Página 8

No seu próprio aniversário o general abriu o jogo: "Nosso governo pode não ser bom — disse ele — mas é um governo com que todos nós, — presidente, vice-presidente e ministros — se sentem bem (sic)". Declaração desafortada mostra ao povo que esse regime não tem remédio.



Fábrica ocupada pelos seus operários em San Salvador

El Salvador precisa da nossa ajuda

Combatentes da liberdade pedem apoio a todos os povos do mundo. Página 5

Editorial

Lula comprou a passagem errada

O sr. Luis Ignácio da Silva foi à Europa buscar apoio para o movimento sindical brasileiro. Mas tudo indica que sua viagem não trará benefícios para a classe operária.

Lula encontrou-se com o líder polonês Lech Walesa, que o aconselhou a "evitar fazer política". Mas como, se a política está no centro de todas as questões do movimento operário? O governo e os pelegos é que têm interesse em impedir os sindicatos de fazer política. Eles sabem que um movimento sindical apolítico é impotente para enfrentar o capitalismo. Os operários aprendem a cada dia que os sindicatos devem recusar a política partidária burguesa, mas devem ter uma política, independente, de classe, proletária. O próprio Walesa, na atual crise polonesa, faz política: procura desviar a luta operária para o caminho antisocialista da "autogestão".

Na Itália, Lula encontrou-se em Enrico Berlinguer, que dificilmente poderia colaborar com os trabalhadores brasileiros. Diante das dificuldades que o capitalismo italiano atravessa, o partido de Berlinguer prega um "governo de homens honestos". Procura desviar a atenção dos trabalhadores, da exploração capitalista para a desonestidade dos exploradores, da luta contra o capitalismo para a colaboração de classe no "saneamento" do capitalismo.

Em nosso país, com o agravamento da situação, o movimento operário luta à frente das forças populares, em união com todos os democratas, para liquidar o regime militar e conquistar a liberdade. Procura alcançar suas reivindicações imediatas e criar as condições para colocar os destinos do país na mão

do povo e marchar para o socialismo. Se abandonasse este caminho de luta para trilhar o da conciliação e da colaboração de classe, só poderia facilitar as coisas para os exploradores jogarem as conseqüências da crise sobre as suas costas.

✿ Prosseguindo sua viagem, Lula encontrou-se com líderes ligados ao Partido Social-Democrata da Alemanha. A social-democracia alemã está no poder. Representa oficialmente o imperialismo alemão. Para os operários de São Bernardo em particular, a multinacional alemã Volkswagen é o inimigo nº 1. O que será que os representantes do partido do governo alemão podem oferecer como ajuda aos trabalhadores brasileiros? Desde a I Guerra Mundial a social-democracia traiu a classe operária, passou a defender a burguesia e o imperialismo. No Brasil, a luta pela unidade dos trabalhadores e a luta pela Central Única dos Trabalhadores, longe de procurar acordos com a social-democracia, precisa livrar-se de sua influência para conseguir vitórias.

✿ O sr. Luis Ignácio vice insistindo na tese errônea de que a classe operária não deve procurar uma definição ideológica. Mas, na sua viagem, ele fez sua opção, por encontrar-se com líderes anti-socialistas, com conciliadores e social-democratas. Lula comprou a passagem errada. Os trabalhadores conscientes, que optaram pelo marxismo-leninismo, pelo socialismo e pela revolução e que defendem um movimento sindical independente e combativo consideram que essa viagem foi um erro.

Grileiros matam mais um no Pará

Página 5



PARA O POVO NÃO HÁ VAGAS

A cena da foto ao lado ocorreu dia 21, no Colégio Joaquim Carvalho, de um bairro popular de Goiânia. Quase dois mil pais de família acotovelando-se, brigando entre si, por uma vaga para seus filhos poderem estudar.

Ao meio dia, depois de uma espera de quase 24 horas, ouviram a direção do colégio dizer que não há vagas. É sempre assim neste país. Não há vagas em lugar nenhum para o povo, com exceção das favelas, das fileiras dos desempregados e famintos. Enquanto isso, em Brasília, o novo ministro da Educação, general Rubem Ludwig, dizia que financiar o ensino não é responsabilidade do Estado, mas da nação, tentando justificar mais um imposto que pesará sobre o povo. Razão tem a UNE, que convocou uma greve geral dos estudantes por mais verbas para a educação! (Da Sucursal de Goiânia)



CDI
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grabois

Ameaças à imprensa

O jornal *Hora do Povo* foi alvo, mais uma vez, da sanha antidemocrática dos militares que assaltaram o poder em 1964. Um editor e dois diretores enquadrados na Lei de Segurança Nacional foram condenados a 1 ano e 6 meses de prisão, embora podendo recorrer do processo em liberdade.

Como se isso não bastasse, a polícia confiscou arbitrariamente mais de 11 mil exemplares do jornal em sua sede, a pretexto de que o HP teria sido suspenso "por ordens superiores".

A apreensão se fez bem ao gênero das "batidas" policiais comuns no período do fascismo: policiais federais armados invadiram o jornal, ameaçando dois responsáveis pelo departamento de vendas que lá se achavam. Sem nenhum mandado, sem nada, levaram os jornais à força. E, junto com ele, os dois rapazes.

O pior de tudo é que o jornal nem sequer recebeu notificação de que suas edições seriam suspensas. Apenas uma pequena nota a respeito foi publicada no diário conservador "O Estado de S. Paulo". Além disso, o advogado do HP, Dr. Idibal Piveta, recorreu contra a medida. Pela legislação vigente, o jornal teria direito de circular até que o recurso fosse julgado. Mas como nesse país impera o arbítrio, nem mesmo a legislação formulada pelos próprios militares é respeitada. É o jornal foi levado.

O "crime" do *Hora do Povo* foi a publicação de uma reportagem denunciando, com documentação, que generais, políticos e tecnocratas

HP reafirma no Tribunal TUDO SOBRE AS CONTAS SECRETAS NA SUÍÇA!



HP falou nos milhões na Suíça, foi condenado



A Voz não pôde festejar

do regime militar têm montes de dinheiro depositados na Suíça. Em outras palavras, o jornal foi condenado por defender os interesses nacionais, lesados por traidores da Pátria.

PROBLEMA GERAL

Atos deste gênero contra a imprensa democrática e popular vêm ocorrendo com frequência e numa escala crescente. Trata-se de uma verdadeira ofensiva contra a imprensa alternativa. Os generais querem calar as vozes da oposição.

Ainda recentemente o jornal *Voz da Unidade* teve uma festa nacional para arrecadação de fundos proibida sem maiores explicações. No mesmo dia, uma festa da *Tribuna Operária* em Guarulhos (SP) era também impedida de realizar-se. Em ambos os casos quem fez a festa foi a polícia. Em Guarulhos, nas proximidades da sucursal da *Tribuna*, havia mais de 200 policiais armados no dia marcado para a festa. E no local onde se realizaria a festa da *Voz da Unidade*, na Sociedade

Paulista de Trote na Vila Guilherme (SP), havia mais policiais do que curiosos.

A *Tribuna Operária* também foi retirada do aeroporto de Marabá (PA) pelo Exército, para não ser vendida na região, que vem sendo palco de muitos conflitos pela terra.

COMO RESPONDER

Não podemos nos calar diante destas arbitrariedades. Cada vez que os democratas silenciam, a repressão avança. Mas o inverso também é verdade. As forças de oposição precisam juntar suas vozes num coro geral de todo o povo contra o regime militar autoritário. E responder a cada ato arbitrário da reação conquistando na luta seus direitos.

A *Tribuna* não se deixará intimidar. Continuaremos apoiando nossa classe operária, todos os que sofrem sob o tacão do regime militar. Estaremos sempre ao lado do povo na luta pela liberdade e a justiça.

CARESTIA NACIONAL

Luta da Carestia avança

Goiania, GO — Cerca de 110 pessoas participaram, no último dia 25, do I Encontro Goiano Contra a Carestia. Realizado numa sala da Matriz de Campinas, o encontro teve a participação de representantes de 18 bairros da cidade. Todos os trabalhadores que fizeram uso da palavra levantaram a necessidade de união do povo para defender seus interesses. No final, a reunião, além de eleger uma coordenação formada por um representante de cada bairro, aprovou como tarefa imediata o envio de um abaixo-assinado ao Governador do Estado contendo as seguintes reivindicações: um caminhão da Central Brasileira de Abastecimento (COBAL) vendendo todos os gêneros de primeira necessidade em todos os bairros a um preço bem inferior ao do mercado; exigência do troco da passagem de ônibus e congelamento do seu preço; vagas nas escolas públicas para quem queira estudar.

(Da Sucursal)

São Paulo, SP — No dia 16 de janeiro o MCC, de acordo com as decisões tomadas no Congresso de Belo Horizonte, reuniu-se com representantes de vários sindicatos. Estes deverão fazer um anteprojeto para ser levado à Unidade Sindical sobre o congelamento dos preços e assumirão a luta contra a carestia.

Brasília, DF — O MCC brasileiro realizou sua segunda reunião geral no dia 18 de janeiro, no Círculo Operário de Taguatinga, com a participação de cerca de 60 pessoas. Na reunião decidiu-se dar continuidade ao movimento deflagrado por 54 entidades contra o novo aumento dos transportes.

(Do correspondente)

VIOLÊNCIA EM BOCA DO ACRE - AM

Vereadora é agredida

Boca do Acre, AM — A vereadora Dirce Melo, do PMDB local, tem combatido sistematicamente os desmandos do prefeito do PDS, Manoel Valdir Ávila de Lima, o "Valdizão". Este, em represália à postura combativa da parlamentar, mandou um de seus capangas espancá-la em plena via pública. Posteriormente, como a vereadora continuasse firme, o mesmo capanga — Jacu — voltou à carga, comprometendo seriamente a vida de sua vítima. Inexplicavelmente, porém, Jacu não foi sequer intimado a depor.

Não satisfeito com a pancadaria e os abusos de seus capangas, o prefeito proibiu a vereadora de utilizar os ônibus da única empresa de transportes do município, de sua propriedade, e ainda ameaçou matá-la.

Todos esses atos de arbítrio foram denunciados ao governador do Estado, José Bernardino Lindoso, que permaneceu indiferente, para



Dirce Melo, proibida nos ônibus

não dizer que apoiou o prefeito. Fatos como esse evidenciam o caráter totalitário e repressor do regime e apontam a necessidade de uma transformação radical na atual estrutura de poder, tanto a nível estadual como nacional.

(Da Sucursal de Manaus)

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

UNE decide para abril início da greve geral

Os estudantes brasileiros não estão dispostos a ficar calados frente à calamitosa situação do ensino brasileiro. Neste 2 de abril, um milhão e meio de universitários, com a UNE à frente, estarão em luta através da greve nacional, caso o Ministério da Educação e Cultura — MEC — não atenda suas reivindicações.

AS REIVINDICAÇÕES

Essa foi uma das mais importantes decisões da última reunião da diretoria da UNE, realizada em São Paulo, nos dias 17 a 20 de janeiro. A reunião também tirou a pauta de reivindicações a ser entregue ao MEC. A pauta consta das seguintes pontos: 1) suplementação de verbas para as escolas públicas; 2) aumento anual de não mais de 39,4% nas escolas particulares; 3) subsídio para as escolas particulares sem fins lucrativos, comprovadamente com dificuldades financeiras, com a abertura de seus livros-caixa; 4) 12% do orçamento federal para a Educação; 5) fim do repasse, taxas e sobretaxas; 6) reajuste ao crédito educativo com base no salário mínimo regio-

nal; anistia aos devedores e transformação do crédito educativo em bolsas de estudo; 7) eleições diretas para os dirigentes das universidades; 8) um terço de participação estudantil nos órgãos colegiados; 9) reconhecimento oficial da UNE e de todas as entidades estudantis.

É A GREVE!

A diretoria da UNE avaliou que, diante da crise sem precedentes porque passam nossas universidades, com os aumentos exorbitantes de anuidades, a falta de verbas nas escolas públicas, os déficits acumulados nas universidades católicas; diante da intransigência, incompetência e desinteresse do MEC em resolver esses problemas; diante da grande disposição de luta dos estudantes, do seu anseio de sair das lutas localizadas, partindo para a unificação nacional, a forma de luta mais correta para atingir os seus objetivos é a greve nacional.

No dia 16 de março, a lista de reivindicações será entregue ao MEC em Brasília. Após esse dia, começará a contagem regressiva do que provavelmente se tornará uma das maiores manifestações da história dos estudantes brasileiros.



Mulheres em luta

Faltam apenas seis semanas para o 8 de março. Neste dia, há 73 anos, as têxteis da fábrica "Cotton", de Nova York, ocuparam a indústria exigindo jornada de 10 horas e não de 14 ou 16. Chamada pelo dono da empresa, a polícia incendiou o edifício. Cento e vinte e nove mulheres morreram queimadas. Em homenagem a elas, o 8 de março é comemorado desde então como Dia Internacional da Mulher. Na séria que abrimos neste número, a *Tribuna Operária* acompanhará os preparativos das mulheres brasileiras para esse dia de luta e de festa.

A caminho do III Congresso

Em São Paulo, as mulheres preparam-se para realizar seu III Congresso Estadual. Para que ele seja mais representativo, no dia 22 de fevereiro serão realizados Congressos por zona: Centro; Sul, Leste, Oeste e Norte. Também serão realizados encontros por categoria profissional e nas cidades do interior.

No dia 7 de março haverá o Congresso unitário, constituído por delegadas eleitas nos congressos regionais e nos encontros de categorias profissionais. E no dia 8 ocorrerão manifestações de comemoração do Dia Internacional da Mulher.

No Congresso, milhares de mulheres debaterão conjuntamente seus problemas, buscando soluções para eles. E procurarão encaminhar sua luta em conjunto, no sentido de enfrentar e superar os milenares preconceitos sociais que consideram a mulher inferior ao homem em todos os aspectos. E também no sentido de modificar as leis injustas e opressoras, que protegem essas

idéias atrasadas, impedem as mulheres de se manifestar e de conseguir direitos iguais aos dos homens.

Existem entre as mulheres idéias diferentes sobre como levar adiante esta luta. Por isso, a função do Congresso será descobrir os pontos comuns e batalhar por eles. Não há mulher que não considere importante, por exemplo, lutar por salário igual para trabalho igual; pelo direito ao trabalho; contra a discriminação das gestantes; por direito a repouso remunerado antes e após o parto; por creches. Uma das grandes bandeiras deste Congresso seguramente será o repúdio ao controle de natalidade imposto pelo governo a mando dos imperialistas, através do Fundo Monetário Internacional. As mulheres paulistas estão empenhadas em unir suas forças para lutar por estes direitos fundamentais, para que o Congresso represente mesmo um passo adiante na sua mobilização e organização. (Olívia Rangel)



Agentes pastorais dos favelados preparam o II Encontro

MOVIMENTO DE DEFESA DO FAVELADO

Favelados reúnem-se

Visando preparar o III Encontro Nacional dos Favelados e fortalecer o MDF (Movimento de Defesa do Favelado), realizou-se nos dias 24 e 25 em Santo André-SP, um Encontro dos Agentes Pastorais e Líderes de Favelas. Cerca de 100 pessoas participaram da reunião, representando 11 Estados. O MDF, ligado ao setor progressista da Igreja, organizou e dirigiu os trabalhos durante os dois dias.

Desde que foi criado, em Vila Palmares, bairro de Santo André, o MDF tem procurado mobilizar os favelados na defesa de seus direitos. Hoje ele já está espalhado por diversas localidades do país. Segundo José Luiz Cestari, do MDF, "o movimento não tem cor política ou religiosa e por isso mesmo não aceitamos hegemonia partidária em nosso trabalho junto aos favelados".

Os favelados, dos quais 90% são trabalhadores, estão tomando cons-

ciência de que são marginalizados e não uns marginais e que a situação em que vivem é fruto da nossa sociedade injusta. José Luiz Pires, favelado do Morro dos Cabritos, no Rio de Janeiro afirma que "marginal é aquele que cria condição do cidadão ser marginal; é o que arma o marginal; é o que vive do marginal; é o que evita a gente crescer como gente. Depois que sanar isso tudo a gente pode pensar no marginal que vai assaltar".

Uma excessiva preocupação em deixar que as bases decidissem tudo impediu que fossem definidos alguns assuntos que ajudariam a encaminhar melhor o próximo Encontro Nacional. Isso por um líder de favela, ocorreu "porque ali estava faltando favelados senão já teriam decidido". Apesar disso, todos foram unânimes em afirmar a importância do Encontro, pela troca de experiências e por mostrar que o problema do favelado tem caráter nacional.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira. Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar. Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 601, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325-1. Tel. 36-7531. Sucursais: *Hô de Janeiro*: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa - CEP 20241 - Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, no. 345/350 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30.000 - Bahia: R. Padre Vieira, 5 - s/307 - Salvador - CEP 40.000 - Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42 - 7º andar - s/707 - Boa Vista - Recife - CEP 50.000 - Rio Grande do Sul: R. General Câmara, 32 - s/29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90.000 - Ceará: R. do Hosiário, 313 - s/206 - Fortaleza - CEP 70.000 - Espírito Santo: Av. Jerônimo Monteiro, 352 - s/5 - Vitória - CEP 29.000 - Alagoas: R. Fernandes dos Barros, 43 - s/05 - Maceió - CEP 54.000 - Goiás: Av. Goiás, 606 - 2º andar - s/2008 - Centro - Goiânia - CEP 64.000 - *Tribuna Operária* é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia Editora Jorjús, rua Gastão da Cunha, 49, fone 531-8900 - SP.

Atenção! Últimos exemplares à venda. Dê um livro de presente a seu amigo

O imperialismo e a revolução

Importante livro de Enver Hodja sobre a realidade mundial numa visão marxista-leninista. Poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, nº 44, sala 206, SP - CEP 01033

DE NORTE A SUL

Proibição

Parambu, CE — O prefeito Luiz Alves Noronha, do PDS, resolveu proibir a feira livre que funcionava há mais de 40 anos na cidade. Para que a vontade do prefeito fosse cumprida, no dia 10 de janeiro mais de 30 policiais armados de metralhadoras, revólveres e cassetetes tomaram conta da cidade, o que causou revolta geral na população. Diante de tal violência os comerciantes e feirantes fizeram um abaixo-assinado contra a repressão da PM.

Alunos defendem-se

São Paulo, SP — Em assembléia geral, os alunos da Escola de Sociologia e Política (ESP) lançaram o Movimento de Defesa da escola para fazer frente à séria crise que ela enfrenta. Entre outras medidas arbitrárias, a atual diretoria administrativa expulsou o Centro Acadêmico da sala onde funcionava e negou matrícula a um dos diretores desta entidade, demitiu 15 dos 22 professores e mantém capangas para impedir a entrada dos estudantes na escola.

Encontro de Bairros

Campo Grande, RJ — Dia 18 foi realizado um Seminário dos Bairros, promovido pela *Tribuna Operária* e pelo *Boletim dos Bairros*. O encontro contou com a participação de aproximadamente 50 pessoas, entre moradores de bairros populares e das favelas. A preocupação de todos era encontrar formas de união dos diversos movimentos e de ampliar a participação das massas na defesa de seus direitos. Depois do seminário foi apresentada uma peça de teatro, escrita por uma favelada e representada por moradores do local.

Inauguração

Santo André, SP — Será inaugurado dia 31 de janeiro, às 19 horas, o Centro de Cultura Operária de Santo André. A sede do CCO, onde será realizado o ato de fundação, fica na rua Francisco Amaro, 173 (Colégio Duque de Caxias). Haverá palestras sobre temas relativos à história, às lutas e à teoria da classe operária.

Bairros unidos

São Luís, MA — Moradores de 12 bairros da capital maranhense criaram a Coordenação do Movimento de Bairros de São Luís. Essa idéia surgiu da necessidade que os bairros sentiam de melhor entrosamento e apoio para desenvolver suas lutas, visto que a Federação das União de Moradores se encontra totalmente atrelada ao governo. A Coordenação aprovou um programa mínimo de trabalho de doze pontos, destacando-se o trabalho de base e a criação de um jornal dos bairros, incentivo à participação dos moradores dos bairros nos movimentos populares. O endereço para intercâmbio é: Rua Nova, 144 — Monte Castelo — São Luís, MA.

Esgotos

Cuiabá, MT — O governo do Estado construiu na capital mato-grossense a maior rodoviária da América do Sul. Foram gastos aí 500 milhões de cruzeiros. Mas esta obra faraônica não possui fossa e todo seu esgoto é jogado na favela da Quarta-feira, ao lado da rodoviária. Com isso a maioria da população da favela vive doente, com as crianças com febre, feridas e coceiras. Cerca de mil metros abaixo, ao lado do córrego da Quarta-feira, onde escoo o esgoto, Aluizio Figueiredo Arruda, presidente do PMDB de Cuiabá, teve o poço de sua casa contaminado. (Do Correspondente)

Arbítrio

São Paulo, SP — A direção das Faculdades Metropolitanas Unidas FMU/FIAM fechou com tapumes as entradas do DCE-livre da Faculdade e dos Diretórios Acadêmicos de Direito, Pedagogia e Matemática. Depois de arrombarem a porta para entrar em suas entidades, os alunos descobriram que diversos documentos tinham sido remexidos e inclusive algumas carteirinhas de identificação haviam desaparecido. Os estudantes consideram que o ato arbitrário da direção da Faculdade deve-se ao movimento que os alunos vêm desenvolvendo contra as anuidades abusivas. A matrícula custa 21 mil cruzeiros e as mensalidades 9 mil.

A GUERRILHA
REDESCOBERTA

Povo rompe silêncio e fala da sua guerra

Em 1979, quando João Amazonas declarou à imprensa que 90% da população haviam apoiado a Guerrilha do Araguaia, sua colocação pareceu-me apenas uma bravata. No Sul do Pará, onde eu estava há mais de um ano, o silêncio sobre a Guerrilha era sepulcral. O povo inteiro dizia que os militantes do PC do Brasil eram boas pessoas, que todo mundo gostava deles. Mas... participação popular na Guerrilha? ... apoio à luta armada? ... integração nessa luta? Nem sombra. Ninguém falava nada. Um manto de silêncio cobria tudo.

Onde estaria a verdade? Os dirigentes do PCdoB afirmavam que o povo apoiara a Guerrilha e tomara parte nela. O povo dizia que não.

O PAPEL DA CARAVANA

O silêncio da massa só teve seus primeiros véus realmente desvendados com a Caravana dos familiares dos guerrilheiros, que visitou a região em novembro passado. O objetivo da Caravana era buscar informações sobre aqueles que perderam suas vidas e desapareceram nas barrancas do Araguaia. Quase ninguém da região acreditava no sucesso da viagem. O povo, porém, falou. Pouco ainda, é verdade. Em certos lugares, o Exército foi de casa em casa, ameaçando quem falasse. Mas os que falaram apontam numa só direção: o povo da região apoiou e participou da Guerrilha.

Um jovem camponês, por exemplo, recitou, de memória, um "romance" da Guerrilha para os familiares dos mortos e desaparecidos. Foi ao cair de uma tarde de novembro, bem no centro da área do conflito.

"Senhores, peço licença
Me ouça com atenção
Vou falar sobre o Brasil
Da atual situação
De um camponês cá do Norte
Que sendo valente e forte
Ainda passa aflição"

"Se o leitor me ver mentindo"

Me corte a língua a facão
Me jogue no meio do inferno
No meio do caldeirão
Pra ser frito em óleo quente
Misturado com sal quente
E ser comido pelo Cão.

"Agora vou começar
Não deixo para depois
Quem tem massacrado o povo
Não vai nem comer arroz
Quem semeou tempestade
Não vai colher bondade
Vai pagar em três por dois."

REPRESSÃO É UMA PROVA

Todos estão de acordo sobre a terrível repressão que se abateu sobre a área da Guerrilha. Arroyo afirmava que mais de mil moradores da região foram presos e torturados pelas Forças Armadas. A Caravana constatou este fato. Centenas e centenas de lavradores pobres, castanheiros, pequenos comerciantes, barqueiros, artesãos, foram presos. Houve povoados, como São Domingos das Latas e



Moradores do Sul do Pará: só agora começam a falar

Palestina, em que quase toda a população foi presa. Em um só dia foram presas 150 pessoas. E presas por meses. E torturadas até a náusea.

Por que? Nesse tempo, a repressão já prendia e torturava de maneira seletiva. Ninguém que não tivesse maiores implicações com a Guerrilha era preso por muito tempo. Pelo contrário, o Exército tudo fazia para cativar a população local, com a Aciso por exemplo. Sabe-se inclusive que as prisões do final de 1973 foram feitas através de denúncias de espíões, o que demonstra sua seletividade.

Só se pode chegar a uma conclusão: centenas de prisões queriam dizer que centenas de moradores haviam se ligado à Guerrilha, em alto nível. Muitos deles, dezenas talvez, nunca voltaram.

Hoje, creio, já podemos afirmar que uma grande parte da população apoiou a Guerrilha com informações, alimentação e calçados. E outra parte, menor, porém expressiva, participou da União pela Liberdade e os Direitos do Povo, integrando-se na própria luta guerrilheira. Por isso a Guerrilha sobreviveu tanto tempo. Ainda é cedo para precisar a dimensão dessa participação popular. Só quando os moradores não tiverem mais medo de falar, nem de se identificar com aquela jornada de lutas, então se saberá.

(No próximo artigo, Paulo Fonteles transcreve o depoimento do povo do Araguaia sobre a participação de massas na Guerrilha)



A esquerda, Vitória Grabois e Paulo Fonteles na mesa do debate; à direita, a platéia do ato em São Paulo, no Sindicato dos Jornalistas



A GUERRA DO SUL DO PARÁ EM DEBATE

Eles plantaram a luta!

Setecentas pessoas no Rio e 200 em São Paulo exigem junto com os familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia: "É o regime militar que tem que prestar contas de todos os mortos". No Rio, a polícia também compareceu.

No dia 19, no Rio de Janeiro, e no dia 20, em S. Paulo, foram realizados debates sobre a Caravana de familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia. O principal orador foi o advogado Paulo Fonteles.

No Rio, cerca de 700 pessoas lotaram o auditório da Associação Brasileira de Imprensa. Estiveram presentes, além de diversos familiares, representantes do Comitê Brasileiro pela Anistia, da Ordem dos Advogados do Brasil e da ABI, o deputado cassado Lysnéas Maciel, o professor Bayard Boiteaux, a ex-guerrilheira Criméia de Almeida, a veterana militante comunista Elza Monnerat. Alguns participantes do Grupo Mambembe deram um pequeno show com músicas em homenagem aos lutadores pela liberdade.

Dona Iramaia, do CBA, que dirigiu o ato, e todos os oradores exigiram que o governo esclareça a sua atividade repressiva na região, principalmente a situação dos mortos e desaparecidos na luta guerrilheira.

"UM ORGULHO ENORME"

Lysnéas disse que "o delito des-

tes jovens foi levantarem-se contra a ditadura quando muitos se calavam, foi o de formarem ao lado dos pequenos e dos oprimidos desta terra". Dona Cirene, mãe da Jana Moroni, morta na Guerrilha, disse emocionada: "Eu tenho um orgulho enorme da minha filha".

Em S. Paulo, o ato foi dirigido por Vitória Grabois, filha do dirigente comunista Maurício Grabois, morto no Araguaia, e contou com representantes de diversos sindicatos, entidades estudantis, do Movimento Contra a Carestia, familiares dos guerrilheiros, etc.

Paulo Fonteles, no Rio e em S. Paulo, falou sobre a Caravana e sobre o que tem visto no seus anos de trabalho na região, como advogado dos camponeses. Disse que só depois de 3 anos integrado na vida do povo é que pôde conhecer melhor a situação da guerrilha. "Mas o meu compromisso é com a verdade. E hoje, a indicação que tenho é que houve uma ampla participação do povo na guerrilha". Referindo-se à Caravana, ele mostrou que "todos os depoimentos que recolhemos manifestam a grande admiração que o povo tem pelos guerrilheiros. Mesmo com a pressão que o exér-

cito fez de casa em casa para que não falassem nada, na região de Caianos, os camponeses receberam os familiares dos guerrilheiros com foguetes e festa. Muitos camponeses gritavam: esta é a terra da liberdade! Eles plantaram e nós continuamos a luta!" E acrescentou: "Uma das coisas importantes de se notar é que exatamente na área da guerrilha os camponeses lutam com mais disposição, com mais consciência e mais organização pela conquista da terra".

POLÍCIA JOGA COM BOMBA

No Rio, para tentar impedir a realização do debate, a polícia compareceu armada de metralhadoras, dizendo que havia a denúncia de uma bomba na sala, e que o local deveria ser evacuado. Mas depois de manobras e pressões, a polícia recuou diante da disposição da platéia e o ato teve prosseguimento.

Paulo Fonteles finalizou mostrando a importância de se estudar a guerrilha do Araguaia, principalmente no momento que o nosso país vive. E agradeceu aos pais e mães dos guerrilheiros, "que colocaram no sangue destes heróis o amor com que eles deram as suas vidas em defesa do Brasil, do seu povo e da Amazônia em particular".

(Rogério Lustoza)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Passo na busca da via da libertação

Já vão fazer seis anos que a Guerrilha do Araguaia foi derrotada pelo Exército, numa campanha de extermínio que praticamente não deixou sobreviventes. Entretanto, a polémica sobre o assunto continua acesa, e uma enorme curiosidade nos meios populares esgota sucessivas edições de livros tratando do que aconteceu no Sul do Pará entre 1972 e 1975.

Um dos motivos de tanto interesse, está na questão dos caminhos para a mudança da sociedade brasileira em favor da democracia e dos interesses do povo.

UMA BUSCA CONSTANTE

As correntes progressistas do país buscam estes caminhos há tempos. Fizeram diferentes tentativas, que variaram de acordo com as idéias que as inspiraram e com a situação existente.

Em 1922 e 1924, os "tenentes" recorreram aos levantes de quartel. Mais tarde, veio a Revolução de 1930, que teve alguma participação popular mas foi dirigida por setores burgueses e até oligárquicos e por isso não resolveu os problemas de fundo do país. Em 1935, a Aliança Nacional Libertadora conquistou forte apoio de massas e tentou o caminho da insurreição, mas foi derrotada devido à confiança excessiva nos motins dentro dos quartéis, ao esquecimento do campo e à precipitação. A partir de 1945, as lutas do povo escoaram mais pela via democrática não armada. E nos anos seguintes sofreram influência das idéias "desenvolvimentistas" e reformistas, que apontavam um caminho de transformações graduais, pacíficas, sem maiores confrontações com a reação.

Porém, em vez de ir melhorando as poucas, o Brasil entrou numa grave crise de estrutura, veio o golpe de 1964, trazendo a ditadura militar e o fascismo. A

própria reação mostrou, com rara ferocidade, que a via reformista não era possível. E foi em condições difíceis, de reação e descenso, que o movimento popular desenvolveu a resistência por todas as formas, inclusive armadas, ao pior regime que o país já conheceu.

TÁTICA DEFENSIVA

Nestas condições, a luta política do povo — e a luta armada, continuação da política por outros meios — tiveram caráter defensivo. E a guerrilha do Araguaia, ponto alto da resistência à ditadura, não foi uma exceção. Desenvolveu-se no interior do país, ponto mais débil do sistema repressivo; em áreas localizadas e não em escala nacional; usou as táticas da luta guerrilheira, evitando o confronto direto com o adversário.

A experiência internacional dos movimentos operários e populares aponta no mesmo sentido. Os casos da Rússia, China, Vietnã, Angola, Guiné, Moçambique, Cuba e Nicarágua, entre outros, apresentam diferentes exemplos de uso da guerra de guerrilhas em períodos de luta defensiva.

OLHANDO PARA HOJE

A resistência guerrilheira do Araguaia vem assim enriquecer a experiência do povo brasileiro e seus setores mais conscientes, na busca, que continua, dos caminhos concretos para a libertação nacional e social. Naturalmente, hoje, numa situação política nova, as formas de luta popular que estão na ordem do dia são outras. E qualquer forma precisa estar afinada com o ascenso do movimento popular, que pede atitudes mais ofensivas. Aprendendo com o passado e observando cuidadosamente o presente é que se acerta na definição dos caminhos da luta popular.

"Se há inferno aqui foi pior"

A Tribuna Operária publica abaixo trechos do Relatório sobre a Caravana de familiares, enviado ao presidente da Ordem dos Advogados do Brasil — Seção Pará. Nele se encontra o que se conseguiu apurar sobre a epopéia e a tragédia da Guerrilha. Para o general Viana Moog, que chefiou tropas no Sul do Pará, "foi o maior movimento de tropas do Exército, semelhante à mobilização da FEB, na Segunda Guerra". Para o general Hugo de Abreu, outro comandante do combate aos guerrilheiros, foi "o mais importante movimento armado já ocorrido no Brasil rural". O regime, porém, insiste, nove anos depois, no seu silêncio culposos.

Dona Maria Raimundo, 50 anos, moradora da "Metade", conta como o Exército tratava guerrilheiros e camponeses:

"Eu vi Rosinha ser presa. Eu estava numa casa quando ela encostou. Ela pedia pra gente rezar por ela, pra ela não morrer. Ia amarrada, mas eu não conheço os caras que iam com ela. Estavam a paisana. Sei que ela foi presa no fim da guerra, e ouvi falar que levaram ela pra Bacabá, onde o Exército tinha um centro..."

"CINCO DIAS SEM COMER E SEM BEBER"

"O Exército — relata Dona Maria — prendia, batia, botava de pernas para cima, esganado numa vara, com a cabeça pra baixo, dentro de um buraco. Botavam nu, passaram cinco dias nu, do jeito que nasceram, dentro de um salão. Eram muitos dentro de um quarto. O seu Zé da Luz, Abdias, Pedro Borba, tudo tavam nu, nu, nu. Sem beber. E a água, quando foi com cinco dias sem beber, é que foram beber e



Maria Célia Corrêa (Rosa)

a água era quente, morna, parecia que tinha sido fervida. Sem comer e sem beber. Isso com os moradores." "Quando eles foram pra mata, eu dei roupas, dava o de comer, farinha, tapioca. Seu Zé da Luz mandava botinas, rede, tudo isso pra eles no mato..."

"TINHAM BASTANTE GENTE COM ELES"

Em São Domingos das Latas, Dona Lindaura, 52 anos, sete filhos, foi dos poucos moradores que ousou depor para a Caravana: "Eles davam remédios e conquistavam o pessoal para acompanhar eles, dizendo que o presidente, o governador não davam assistência ao pessoal da mata. Então o pessoal obedecia, morria à míngua e eles nem sabiam que o pessoal existia. Diziam isso pro povo antes da guerra começar. E por isso eles já tinham bastante gente com eles, que morreu junto com eles por aqui mesmo." "Todo o pessoal que tinha con-

tanto com eles foi preso. Daqui uma base de cento e tantas pessoas. Eram tratadas mal, judiadas. Eram presos, fechados, suavam lá mais de 24 horas. Davam um pouquinho de comida, só pra não morrerem de fome, uma vez por dia. Botavam em cima de lata de carne, descalço, prá lata entrar nos pés..."

Na "Metade", a caravana ouviu José da Luz Filho, cujo pai ficou sete meses preso em Marabá:

"Quando o Exército chegou a primeira vez, matou a Fátima. Ela está enterrada a cem metros das "oito barracas". O Zé Carlos e o Seu Antônio e um outro estavam matando um porco e quando colocavam a carne nas matulas foram metralhados pelas costas. O velho Mário morreu quando comia carne de sol, encostado numa árvore."

"O EXÉRCITO BANCOU UMA GRANDE COVARDIA"

"Eu acho — prossegue o lavrador — que eles estavam direito, lutando pelo povo. E acho que o Exército bancou uma grande covardia. Que lutassem de outro jeito, mas não pegar o povo e matar assim. Eu acho que isso aí é uma grande covardia."

Em São Geraldo, um morador resumiu: "Se há inferno, aqui foi muito pior". Outro, o Zé Veinho, lavrador de idade avançada, declarou:

"Toda quinta-feira tinha que viajar três léguas para assistir a reunião



Dinalva Oliveira Teixeira (Dina)

deles (do Exército). E aquilo era sem apelo. Se não fosse, tinha que explicar o motivo que não foi. Se não fosse, daí a pouco chegava quatro a cinco soldados. Lá nessas reuniões tinha o retrato do pessoal. O que eles iam pegando, iam tirando do mapa..."

José Cândido, motorista em São Geraldo, relatou:

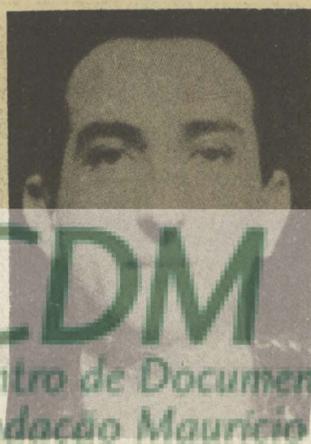
"Tinha uma mulher aqui chamada Dina. Essa mulher sofreu mais de seis meses encarcerada, apanhando. Até hoje ela tem marcas no corpo, só porque tinha o nome de Dina. Depois é que descobriram que essa Dina era daqui. Ficou seis meses amarrada com corda, só desamarravam ela pra ela comer!"

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO FUNCIONA ATÉ HOJE

O Relatório à OAB reproduz também a Denúncia à Nação, divulgada pelos familiares ao final da viagem, que contém, entre outros relatos estardalosos, o seguinte trecho: "Diante do que vimos, ouvimos e sabemos, queremos dizer a toda a Nação que há, ainda hoje, em nosso país, no Sul do Pará, nas regiões de São Domingos das Latas, Metade, OP 2, OP 3, Palestina e Brejo Grande, um verdadeiro campo de concentração, pior que os fabricados pelos nazistas, posto que não cercado por arames farpados".



Helenira Rezende de Souza Nazareth (Fátima)



Maurício Grabois (Mário)



Primeiro passo da luta salarial: na CMTC ato contra as 1.500 demissões

45 MIL EM CAMPANHA SALARIAL - SP

Motoristas podem puxar breque de mão

Começou a campanha salarial dos 45 mil motoristas e cobradores da grande São Paulo. E pelo jeito ela deve esquentar até primeiro de maio, a data base. Uma, porque continuam as arbitrariedades das 25 empresas particulares e da estatal, a CMTC. E outra, porque a revolta dos trabalhadores é visível nas inúmeras ações já tomadas.

MUITOS PROBLEMAS

De novembro pra cá a CMTC demitiu 1.500 dos seus 15 mil trabalhadores, alegando diminuição dos gastos públicos. Mas, ao mesmo tempo, começou a exigir horas extras, violando um acordo firmado em 1974.

Ivan Gutierrez, presidente do Sindicato, lembra outro problema da CMTC: "O motorista trabalha sob bronca. Ele não pode abrir o bico, se não vai para rua. E como nas particulares o salário é menor, o trabalhador se submete a todo tipo de humilhação".

Nas empresas particulares as condições de trabalho e salário são ainda piores. Enquanto na CMTC o motorista começa ganhando 27 mil cruzeiros, numa particular ele inicia com 18 mil. Os cobradores ganham em média 9 mil cruzeiros. Orlando Spozito, diretor, enumera mais algumas malandragens patronais: "Tem o carro direto, em que o companheiro pega o trabalho às 4

horas e só larga às 21 horas. Tem as duas pegadas, em que o cara só trabalha nas horas do rush. E ainda existe a ficha branca que o patrão usa para marcar as horas extras que excedem as duas horas permitidas por lei, e que depois é queimada".

Os lucros destas empresas são incalculáveis. Um motorista da Viação Paulista, da Zona Leste, diz que todo dia entrega mais de cem mil cruzeiros no escritório da empresa.

"PUXAR O BREQUE"

Mas a categoria dá o troco. Para responder as demissões na CMTC, dia 26 houve passeata com mais de cem pessoas do sindicato até a sede da empresa governamental. Com isto lançou-se a campanha salarial. Na empresa Vila Carrão, no mesmo dia, houve uma paralisação de duas horas com piquete e manifestação de rua, exigindo a volta de dois companheiros demitidos. E na semana anterior na Viação Brasília os motoristas e cobradores, com uma greve, conseguiram a demissão de um chefe-carrasco.

"Eu tenho certeza que os chapéus de bico puxam o breque de mão caso os patrões não atendam as exigências", afirma Spozito. Entre as exigências: equiparação salarial entre as particulares e a CMTC; estabilidade; e bom aumento salarial, sem repasse para as tarifas de ônibus.

METALÚRGICOS EM SÃO BERNARDO - SP

Começa briga no ABC

Sem a presença de Lula, que se encontra na Europa, os metalúrgicos de São Bernardo do Campo realizaram dia 17 a primeira reunião para discutir a campanha salarial deste ano. A reunião foi na sala do Fundo de Greve, com a maioria dos 150 presentes sentada no chão, espremida, enquanto o sindicato está vazio, só com os interventores.

Era visível a vontade de "ir pras cabeças de novo", como disse um operário. "Só que agora não podemos ficar isolados. Temos que procurar outros sindicatos, os movimentos populares e os metalúrgicos do interior que também estão em campanha". Outro completa: "Nós temos é que fazer uma greve geral, que é a vontade de todos os trabalhadores".

"SINDICATO NA MARRA"

Só que nesta campanha não há a máquina do Sindicato, que se encontra nas mãos do governo há oito meses. Apesar dos que preferem

esperar o fim da intervenção sem tomar nenhuma iniciativa, os operários que participaram desta reunião decidiram organizar uma comissão para pressionar o interventor, para obrigá-lo a ceder o Sindicato. "O nosso lugar é no Sindicato", enfatizou um desempregado. E outro: "Nós temos que reconquistar o Sindicato na lei ou na marra".

PONTOS IMPORTANTES

Os metalúrgicos já começam a levantar algumas reivindicações que serão as principais nesta campanha. Entre elas destaca-se, mais até do que na greve anterior, a luta pela estabilidade no emprego. Depois das demissões na Volks, esta se tornou a grande preocupação dos operários. Tanto é que já foi formada uma comissão de desempregados, com o objetivo de unir os demitidos. O congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade já faz parte da pauta de reivindicações inicial.

IV ENCONTRO NACIONAL DAS DOMÉSTICAS - RS

Empregadas não querem tratamento de escravas

De 21 a 25 de janeiro, as empregadas domésticas realizaram em Viamão, no Rio Grande do Sul, o seu IV Encontro Nacional. O objetivo: discutir seus direitos. "pois até hoje as empregadas, salvo algumas exceções, são tratadas como escravas". Como diz Maria Ilda Ricardo, de Belo Horizonte, "a doméstica, na maioria das vezes, é considerada escrava. Se os outros trabalhadores têm direitos da CLT, por que nós, que somos 2 milhões e 700 mil em todo o Brasil, não podemos ter?"

Para virem ao Encontro as domésticas enfrentaram grande oposição das patroas. Mas mesmo com todas as dificuldades estiveram presentes 18 delegações de 5 Estados. As discussões giraram em torno dos seguintes temas: ampliação da legislação trabalhista; valorização pessoal;



Desenho do livro editado em Recife contram no registro do seu sindicato: "O Sindicato de Domésticas ainda não apareceu porque o Ministério do Trabalho cada vez que a gente vai lá inventa mais um entrave". As barbaridades cometidas contra as domésticas são muitas. No encontro discutiram-se formas de organização para lutar contra elas. (Da Sucursal)

Começou a safra das greves de 81

Com o início do ano começou também o calendário dos confrontos de 1981 entre explorados e exploradores. O governo, como sempre, fica ao lado dos patrões. E os operários, que se lançam à greve com a valentia de quem não tem nada a perder, aprendem muitas vezes na dura escola da luta de classes a falta que faz um sindicato dirigido por gente realmente comprometida com seus interesses, mais ainda agora que a crise veio aticar o apetite espoliador dos capitalistas.

Motoristas de Vitória, 2 dias de greve e confrontos

No último dia 15, os motoristas, fiscais, e cobradores das empresas de ônibus da Grande Vitória decidiram espontaneamente paralisar suas atividades. Mesmo faltando ainda cinco meses para o vencimento do último acordo salarial, os trabalhadores, principalmente das empresas que servem Vila Velha e Cariacica, exigiram salários de 21 mil cruzeiros para motoristas, 11 mil cruzeiros para cobradores e 15 mil para fiscais, além do repouso semanal, que não é respeitado.

A paralisação se iniciou na noite do dia 14, nas empresas Planeta e Alvorada, através dos motoristas do turno da noite. E foi passando para o restante da categoria. No dia 15, milhares de pessoas esperaram os ônibus que não vieram. Mesmo assim, a população colocou-se ao lado dos grevistas, considerando

justas as suas reivindicações.

Francisco de Almeida Pinto, presidente do Sindicato, e a DRT se posicionaram logo contra a greve. O Sindicato está localizado ao lado da Polícia Federal e o pelego convidou a polícia para expulsar os grevistas do seu próprio Sindicato.

No final do dia 15 os ônibus da empresa Grande Vitória, Paratodos e Serrana voltaram a funcionar, mas foi formada uma comissão de 10 trabalhadores para continuar as discussões com a DRT e com os patrões. Já em Cariacica e Vila Velha o movimento foi até o dia 16.

A luta dos grevistas demonstrou mais uma vez o atraso que é o peleguismo. Numa reunião com 300 pessoas em Vila Velha, no Pátio do Colégio, dia 16, criou-se uma comissão para continuar a luta e formar uma chapa de oposição.

Trabalhadores respondem à crise com máquinas paradas

A Wallig de Porto Alegre já está em crise há quatro anos e há quatro anos descarrega essa situação nas costas do trabalhador. Ela é campeã em atraso de salário, não pagamento dos encargos sociais e muitas outras barbaridades.

Agora no dia 12, os operários foram buscar o pagamento e, como já sabiam que não o conseguiriam, paralisaram mais uma vez.

O presidente Adão, do Sindicato, que mais atrapalha do que ajuda, teve que assumir o movimento, a contragosto. (Sucursal - RS)

Foi bastante grande o apoio recebido pelos trabalhadores, que inclusive tomaram a iniciativa de fazer as denúncias na Assembléia Legislativa. O pelego Adão, além de prejudicar a solidariedade, acusou de "infiltração de vagabundos" a nota de apoio da Tribuna.

No dia 22 os operários receberam uma parte dos salários e a situação se acalmou. Mas o problema continua. A Wallig está falida. O desemprego ronda as famílias de 850 metalúrgicos, que sentem que é preciso reagir. (Sucursal - RS)



Plenária do Congresso: 3 mil professores pela democratização da entidade.

CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES

Professores na luta por maior unidade

Quinze dias após 300 professores terem fundado em Recife uma tal de UNATE (União dos Trabalhadores em Educação), 4 mil professores de toda a rede oficial de 1.º e 2.º graus participaram do 14.º Congresso da sua entidade de classe, a CPB. As autoridades, alegando que setores "estranhos à categoria" preparavam-se para vaiá-los, não compareceram.

O tema principal era Democracia e Educação. O presidente da Associação dos Professores do Estabelecimentos Oficiais do Ceará, Professor Francisco Brilhante, foi muito feliz ao destacar seus três grandes pontos: liberdade, unidade e participação.

CPB DEMOCRATIZADA

As principais propostas já levantadas em várias reuniões de professores foram enunciadas no discurso do Presidente da CPB, Hermes Zanetti: aposentadoria integral com vinte e cinco anos de serviço, 13.º salário, reajuste salarial anual do INPC, vencimento básico igual a três vezes o salário mínimo vigente no país, 25% dos orçamentos estaduais e 12% do federal para a Educação, direito de greve e direito de livre sindicalização.

Os professores constataram nos debates que nosso país não tem Educação e muito menos Democracia.

Operários da construção treinam para a greve geral

Horário de almoço. Tocou o primeiro apito. O pessoal foi todo para a portaria. No segundo sinal, saiu o piquete de 50 pessoas rodando a obra. Em meia hora, os 600 operários que estão construindo um conjunto do BNH em Contagem, estavam todos parados.

Mas não é só na Andrade Valadares que a coisa está esquentando. Os peões da construção civil de Minas Gerais, mesmo com o pelegão Francisco Pizarro no Sindicato, têm dado exemplos de combatividade. Só no final de janeiro já ocorreram greves em três empreiteiras.

Na Andrade Valadares já tinha havido um quebra-quebra na semana anterior à greve, e a firma resolveu dar um aumento para açalmar os ânimos. "O que eles fizeram foi um chamamento à greve" dizia um

peão. "Quem já viu dar Cr\$ 2,50 de aumento por hora a um pai de família, que tem que sustentar seus filhos, pagar transporte e comida?"

Foi aí que o pessoal parou. Uma comissão de 6 trabalhadores foi formada. Os patrões fizeram também uma comissão, sete engenheiros e 15 policiais. Já estavam na obra 3 camburões da polícia. O engenheiro deu uma última cartada, dizendo que quem quisesse que fosse embora. O movimento foi esvaziado.

Quando houve a quebra-deira, os operários aprenderam muito. Os líderes foram demitidos. Muitos pensavam que não haveria nova greve. Agora a greve aconteceu. Os operários viram que precisam se organizar melhor. Continuam a luta no seu duro aprendizado. O Sindicato faz muita falta.

3 mil peões da Vigorelli de Jundiá também pararam

A Vigorelli, uma das maiores metalúrgicas de Jundiá, São Paulo, com 3 mil operários, parou na quinta-feira, dia 15 de janeiro. Grande parte dos operários entraram em greve. Nem o salário de dezembro e nem o 13.º haviam sido pagos. Uma calamidade!

A greve começou logo no primeiro turno, e segundo fontes da própria DRT atingiu a 72% do total do pessoal. Diante da mobilização, a empresa prometeu pagar o restante dos salários no dia 19, enquanto tentava acabar com a greve de qualquer forma. Colocou anúncios no rádio de 20 em 20 minutos; ofereceu carros particulares para os operários que quisessem trabalhar. O esquema de segurança foi reforçado.

Na quinta à noite, os grevistas decidiram em assembléia manter a greve. O movimento continuou na sexta e no sábado, embora com diminuição no número de grevistas.

Também foi pequeno o apoio do sindicato. Mas mesmo com severa atuação policial o movimento foi adiante pela ação corajosa dos piqueteiros, que impediram que a maior parte dos ônibus entrasse na firma.

A atuação da diretoria foi muitas vezes prejudicial à categoria, chegando mesmo à denúncia de membros da oposição como "infiltrações".

No entanto, a união dos metalúrgicos prevaleceu e a Vigorelli teve que aceitar as reivindicações. Na segunda-feira, um dia decisivo, a empresa recuou e pagou os salários atrasados. Só então máquinas voltaram a funcionar.

Agora, a mobilização na empresa é para que não haja mais demissões. Em apenas dois dias, depois da greve, quase 50 operários foram demitidos.

(Da Sucursal de Campinas)



DER entra na briga

Servidores, MG — Mais de cem funcionários do Departamento de Estrada de Rodagem comemoraram no último dia 8 a vitória da chapa Lutar nas eleições para a Associação dos Servidores do DER. A forma democrática como foi elaborado o programa de ação e escolhidos os membros da chapa, que tem escriturários, pedreiros, mecânicos, contínuos e técnicos, é a principal razão da vitória. A participação da mulher na chapa também é grande. (Da Sucursal)

"Atuar lá dentro"

Construção Civil, GO — Os quase 40 mil operários da construção de Goiânia terão contra si, por mais três anos, o pelego Patrocínio na direção do Sindicato. Ele ganhou as eleições realizadas nos dias 10, 11 e 12, com chapa única, já que a oposição nem pôde se registrar. Mas como diz seu Zequinha, "com ou sem pelego temos que fazer do Sindicato a casa do trabalhador, temos que lutar lá dentro". (Da Sucursal)

"Como ferro-velho"

Aposentados, SP — "A Transamazônica, Brasília, a ponta Rio-Niterói foram construídas com dinheiro da previdência social, mas os aposentados vivem abandonados, como ferro velho". Esta denúncia foi feita na manifestação do Dia do Aposentado, dia 24, na praça da Sé, para mais de mil pessoas. A luta dos aposentados é pela aposentadoria equivalente ao salário dos trabalhadores na ativa; sistema colegiado (trabalhador, patrão, governo e um aposentado) para dirigir a Previdência, etc. (Da Sucursal)

Juiz vendido

Posseiros, GO — Oito famílias de posseiros de Montes Claros entraram com processo contra o juiz de Israelândia, Alan Sebastião, que se colocou claramente ao lado de três grileiros da região. Ele, sem ação civil, mandou fazer um despejo, bastante violento, impossibilitando até que os camponeses carregassem seus utensílios. Agora os lavradores habitam a beira de uma rodovia, apesar de possuírem documentos legítimos de posse da terra. (Da Sucursal)

Muita pressão

Itaberaba, BA — O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaberaba tem sofrido pressões do poderoso João Bonfim, presidente do Sindicato patronal e também juiz de "Paz" do município. Quem faz as denúncias é o presidente da entidade dos trabalhadores, Antonio Silva Mascarenhas. Segundo ele os objetivos de Bonfim são desacreditar o Sindicato e entrar quequer a união dos lavradores. (Do Correspondente)

Finalmente a posse

Metalúrgicos, CE — Depois de muitas tramóias dos pelegos para tentar anular as eleições, finalmente a diretoria vitoriosa, encabeçada por Guerrero, pôde tomar posse do sindicato de Fortaleza. No dia 8 foi a festa, com a presença da UNE, PMDB, PT, do Bispo Auxiliar, CCO, etc. No próprio ato foi lançada a campanha de sindicalização. (Da Sucursal)

Contra o desemprego

Desempregados, SP — Contra a onda de desemprego, a Unidade Sindical, SP, reuniu 30 sindicatos e tirou um folheto popular contra as demissões. No mesmo dia 15 à noite houve debate sobre a crise e o desemprego no Sindicato dos Motoristas, com mais de 150 populares. Já se destacam as lutas pela jornada semanal de 40 horas, sem redução dos salários; pela estabilidade e o salário desemprego, pago pelo governo e patrões.

"Morrer lutando"

União dos Palmeiras, AL — "Se for para morrer, vamos morrer lutando. Assim, o povo tomará conhecimento do nosso problema e não deixará nossos filhos passarem fome". Esta é a decisão dos 400 pequenos agricultores, posseiros e arrendatários deste município alagoano. Há mais de 30 anos cultivando a terra, eles estão sendo ameaçados de expulsão por vários grileiros da região, que ainda contam com o apoio do presidente pelego do sindicato, Florentino Zefino. (Da Sucursal)

POSSEIRO ASSASSINADO NO PARÁ

Grilo mata outra vez

No dia 2 de janeiro de 1981, por volta das 18:30 hs, na altura do quilômetro 58 da rodovia PA 150, município de Nova Jacundá, no Pará, o lavrador José Manoel de Souza, conhecido por "José Piau", que se encontrava jantando em sua residência, foi barbaramente assassinado por dois pistoleiros, a mando do grileiro e assassino Ozanir Silva, que desde muito tempo vem praticando arbitrariedades na região.

CRIME A SANGUE FRIO

Os pistoleiros do grileiro Ozanir chegaram na residência de José Piau insistindo em comprar alguns porcos. O posseiro recusou. Depois de muita insistência, José Piau foi até o terreiro mostrar que realmente não tinha condições de vender os porcos, pois eram poucos. Imediatamente os pistoleiros sacaram os revólveres de suas botas, disparando mais de seis tiros, ficando ali mesmo o corpo do posseiro. Em seguida os criminosos pegaram seu carro e fugiram. Até agora nenhuma providência foi tomada, apesar da polícia ter sido avisada.

Os posseiros do lugar, a Comissão Pastoral da Terra e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura já fizeram inúmeras denúncias desse grileiro ao INCRA, GETAT, Polícia Militar e ao Exército em Marabá. Mas nunca foi tomada nenhuma providência.

O grileiro se diz dono de 6 glebas na região do PA 150, entre os quilômetros 50 e 60, onde moram aproximadamente 100 famílias, in-



O velório do camponês morto por defender sua terra

clusive muitos posseiros com Licença de Ocupação expedida pelo próprio INCRA. Desde 1977 que essas famílias estão enfrentando o grileiro Ozanir e seus pistoleiros.

ELEMENTO PERIGOSO

Ozanir é um elemento perigoso. No dia 29 de dezembro de 1979, alguns pistoleiros seus balearam gravemente o posseiro Alcebiades, que hoje se encontra paralisado. No dia 9 de março de 1980, o mesmo grileiro, através de seus capangas assassinou barbaramente o lavrador Lourival Marques da Silva. Mas ficou impune.

Comenta-se que Ozanir possui uma "lista negra", sendo o próximo a morrer o posseiro conhecido por Zuíno, que já foi ameaçado diversas vezes.

José Piau, que era combativo membro da Associação dos Trabalhadores Unidos de Nova Jacundá, baiano, 33 anos, há seis anos na



O presidente do Sindicato protesta

região, deixou sua companheira Dona Olerina, com seis filhos menores, um deles no ventre.

O Sindicato dos Trabalhadores de Marabá, a Associação dos Trabalhadores Unidos de Nova Jacundá, o Diretório do PMDB de Nova Jacundá e a Comissão Pastoral da Terra de Marabá, com o apoio da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, lançaram uma nota de protesto onde dizem: "Chega de homens trabalhadores mortos, chega de tanto sangue derramado, chega de apoio das autoridades aos grileiros e pistoleiros. Que os lavradores não fiquem mais conformados com tanto sangue derramado de sua classe em busca de liberdade e que esses mesmos lavradores, através de sua união, busquem sua própria justiça". (Ademir Martins — Marabá, PA)



Acima, a multidão de mais de 4 mil pessoas em passeata festeja a vitória da chegada da água. Ao lado, lavradores de Paratama mostram suas armas, das quais a mais poderosa mostrou ser a união para alcançar seus objetivos comuns.



UNIÃO CONTRA SECA EM PE

Camponês quando quer água é fogo

Quatro mil trabalhadores rurais de Paratama, perto de Garanhuns, Pernambuco, comemoraram com três dias de festas e manifestações a realização do Projeto Água. Sua União resultou na conquista de água para mais de 30 comunidades de trabalhadores rurais.

Com a seca que assola a região, os trabalhadores Manoel Leitão, Luis Agostinho e João Leonel tive-

ram a idéia de trazer água da "cacimba velha" construindo um sistema de irrigação. Levaram a proposta para a Prefeitura, já que o trabalho seria feito em mutirão. O prefeito era do PDS e nada quis.

Várias entidades e principalmente os mutirões, que contaram com cem e às vezes até 250 trabalhadores, levaram o projeto até o fim. São cinco quilômetros de canali-

zação. A Igreja, particularmente através da Fase, trouxe uma grande contribuição.

No dia da Festa da Água, uma passeata de mil trabalhadores rurais, pelos caminhos em que o trabalho se desenvolveu, demonstrou grande combatividade. Serão apanhados de surpresa todos que não acreditarem na união popular. (Da Sucursal de Recife)

ELEIÇÕES SINDICAIS EM CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Pelego sai no voto ou na marra

Os lavradores de Conceição do Araguaia, no sul do Pará, já decidiram: se até maio não ocorrerem as eleições para seu sindicato eles arrancarão o pelego Bertolo Siqueira de Lira de lá de qualquer jeito. Afinal, os trabalhadores já esperaram demais. Em junho de 1980 houve a primeira eleição e a chapa de oposição, formada por lutadores, ganhou, só que não levou.

De lá para cá as eleições vêm sendo adiadas sempre mais, inclusive contra a lei. A própria Delega-

cia Regional do Trabalho (DRT) interveio pedindo a convocação das eleições, mas nem assim o pelego obedeceu.

Sabe-se que Bertolo tem as costas quentes. Ele é homem dos latifundiários e grandes empresas, principalmente estrangeiras, na região. Além disso, como já denunciou um ex-funcionário da DRT, quem o mantém no sindicato é o Exército. Na verdade, toda a política governamental, de saúde, de educação e até as ações do GETAT

procuram promover Bertolo como o salvador da miserável e esquecida região.

É grande o medo dos poderosos de ver o sindicato nas mãos dos lavradores, servindo para organização de lutas mais combativas. Nesta região há muita tensão. Como todos se recordam Raimundo Ferreira, o Gringo, foi assassinado em meados do ano passado por encabeçar a chapa da oposição. (Do Correspondente)



INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

REBELIÃO EM EL SALVADOR

Eles precisam do nosso apoio

A solidariedade internacional à heróica luta do povo de El Salvador, empenhado em derrubar a junta de governo fascista, em pôr fim à dominação econômica do latifúndio e dos Estados Unidos, assume uma importância crucial na presente crise do capitalismo, quando as potências imperialistas procuram afogar a ferro e fogo todos os movimentos revolucionários que coloquem em risco a sua exploração.

O governo de Ronald Reagan, menos de uma semana após sua posse, já demonstrou que pretende transformar El Salvador em um exemplo de repressão e massacre. Dez milhões de dólares em ajuda militar foram enviados à junta militar salvadorenha, além de mais 25 milhões em "créditos agrícolas". O mesmo tipo de ajuda, aberta ou disfarçada, vem sendo proporcionada por outros países capitalistas, como Israel.

Além disso, os Estados Unidos preparam formas de intervenção indireta, através das ditaduras da Guatemala e Honduras, poupando-se assim do desgaste que seria causado com o envio de tropas norte-americanas a El Salvador. O imperialismo procura formar um anel de ferro em torno desse país, ao mesmo tempo em que tenta criar condições propícias para atacar a Nicarágua e reeditar o terror somozista.

APOIO INTERNACIONAL

Apesar desse panorama de violência, o povo salvadorenho engaja-se na luta, principalmente após a ofensiva geral deflagrada pelas forças guerrilheiras no início do ano. A Frente Revolucionária Democrática (FDR), que agrupa os mais amplos setores da população, acie-



Operários ocupam fábrica na greve convocada pela FDR

ra os esforços para uma insurreição geral, sabendo porém que o caminho para a libertação será árduo e prolongado. E os povos de todos os continentes, desde o Senegal à Austrália, atiram-se à solidariedade com os combatentes salvadorenhos. No México, várias manifestações já foram realizadas, tendo a última, no dia 22, reunido mais de 20 mil pessoas, em um dos maiores atos já realizados no país. O mesmo vem ocorrendo no Panamá, Costa Rica, Venezuela e outros países americanos. O apoio que não se limita às palavras; compreende o envio de recursos, medicamentos e mantimentos a El Salvador.

No Brasil, o movimento de solidariedade ainda se encontra nos primeiros passos, com poucos núcleos de apoio formados. Mesmo assim, o Movimento de Apoio ao Povo Salvadorenho, no Paraná, já conseguiu enviar alimentos, roupas e dinheiro, dando um exemplo de consequência e combatividade. Em São Paulo, o mesmo trabalho vem sendo desenvolvido pelo Comitê



México: apoio de 20 mil nas ruas

Brasileiro de Solidariedade (CBS). Iniciativas assim merecem ser reforçadas pelos mais amplos setores do povo brasileiro, para que o espírito da solidariedade e do internacionalismo dê frutos também em nosso país. A libertação do povo salvadorenho necessita de todos nós. É chegado o momento de demonstrarmos à América Latina e ao mundo que não nos esquecemos da ampla e generosa solidariedade que recebemos durante os negros anos do fascismo no Brasil. (Dilair Aguiar)

FIM DO JULGAMENTO DE PEQUIM

Tribunal de araque vira contra juizes

A farsa judicial montada na China para condenar o "Bando dos Quatro" terminou, de certa forma, com uma derrota da corja ultradireitista de Deng Hsiaoping. Afinal, o grande objetivo de toda essa custosa e cansativa tragicomédia, que estava claro desde o início, era desmoralizar tudo que possa ter havido de revolucionário na chamada Revolução Cultural e na herança de seu líder, Mao Tsetung. E, apesar da capitulação vergonhosa dos outros 12 réus, os dois restantes não se renderam. Chiang Ching, a viúva de Mao, e Chang Chunxiao foram condenados à morte no pelotão de fuzilamento, com suspensão de dois anos para se "arrependerem". Mas sua atitude no tribunal e os vivas à revolução com que Chiang Ching recebeu a sentença terminaram pondo por terra a farsa de Deng.

Já é velho na China este hábito nada marxista-leninista, de extorquir "autocríticas" formais para desmoralizar adversários. O próprio Deng Hsiaoping provou esse remédio, no tempo de Mao: fez



Chiang Ching: a acusada acusa

toda uma discursão de penitência, totalmente mentirosa, todo mundo fingiu que acreditou, com igual hipocrisia, e dez anos depois lá estava Deng novamente no poder. Já a viúva de Mao e Chang Chunxiao, por mais críticas que possam merecer do ponto de vista do socialismo científico, ao menos tiveram a honradez de recusar este papel sujo.

GOVERNO REAGAN

O imperialismo está com muita pressa

O novo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, não esperou muito tempo para expressar sua gratidão às companhias multinacionais e organizações direitistas que o levaram ao poder. Em poucos dias de governo, passou a financiar abertamente a junta militar reacionária de El Salvador, enquanto ameaça a Nicarágua, e anuncia a intenção de sabotar o acordo feito com o Iraque para obter a libertação dos reféns norte-americanos presos nesse país.

Reagan e seu gabinete — que inclui a fina flor da direita, com o general Alexander Haig, responsável entre outros crimes pelo bombardeio indiscriminado do Vietnã e Camboja — estão frisando em todos os pronunciamentos que "o

país tem pressa". A pressa, contudo, é do imperialismo norte-americano: pressa em recuperar-se das derrotas sofridas nos últimos anos, pressa em reconquistar sua abalada hegemonia entre os países capitalistas.

O resultado de todo esse esforço é duvidoso. A crise do capitalismo se agrava, gerando contradições profundas e maior competição entre os países imperialistas. Enquanto isso, movimentos revolucionários avançam ou se anunciam em todos os continentes. Diante desses problemas, a pressa de Reagan e das multinacionais é compreensível. Mas, como diz o ditado popular, "o apressadinho come cru".

Preste sua solidariedade ao povo de El Salvador. Compareça dia 10 próximo, às 20 horas, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (rua Rego Freitas, 530 - sobrejoja). A luta em El Salvador é também a nossa luta!





Neste número recebemos quatro cartas de mulheres: uma vendedora da TO em Recife, a Associação de Lavadeiras de Rio Branco, operárias da RCA em Belo Horizonte e uma dona de casa de Petrópolis. Nosso apelo começa a surtir efeito.

Companheira: continue a escrever para este jornal! Relate suas dificuldades, seus problemas, suas aspirações! Diga quais os assuntos que a interessam e que gostaria de ver tratados em nosso jornal. Enquanto não formos lidos por grande número de mulheres não estaremos cumprindo nossa missão de jornal a serviço dos interesses da classe operária e do povo em geral. Afinal, a mulher representa mais da metade da população!

(Olívia Rangel)

ESTUDANTES DE MEDICINA - PB

Atentado à saúde

Mais uma vez o Diretório Acadêmico de Medicina da Universidade Federal da Paraíba vem de público protestar contra a política de controle de natalidade no Brasil, repudiando as medidas recentemente anunciadas pelo Ministério da Saúde de que a partir do mês de janeiro deste ano o INPS pagará cirurgias esterilizantes como a vasectomia e a ligadura de trompas. Entendemos que estas medidas não se dão de forma isolada mas fazem parte de uma política mais ampla de controle de natalidade sobre o povo brasileiro.

Há mais de 14 anos a Benfam está realizando distribuição em massa de pílulas e outros métodos anticoncepcionais sem a assistência e o controle médico necessários, expondo as mulheres a riscos enormes para sua saúde. Nunca é demais denunciar que a Benfam é financiada pelos milhões de dólares de Fundações como a Ford e a Rockefeller, é representante direta dos interesses dos países imperialistas no controle da natalidade.

A infra-estrutura estadual e municipal de prestação de serviços de atenção à saúde está sendo utilizada pela Benfam para sua atividade criminosa.

Muitas indústrias e casas comer-

ciais mantêm convênios com a Benfam, o que leva as operárias e funcionárias das mesas a obrigatoriamente fazerem uso de meios anticoncepcionais e periodicamente serem submetidas a exames que indicam se estão grávidas. Esta atitude é um desrespeito aos já precários direitos trabalhistas destas trabalhadoras.

Ultimamente o governo vem anunciando uma série de medidas que possuem explicitamente a finalidade de controlar de forma coercitiva a natalidade em nosso país. (...) Enfim, um plano bem traçado que visa unicamente deslocar as origens da grave crise econômica, política e social pela qual passa a nação brasileira, pondo a responsabilidade para as famílias operárias e camponesas, por possuírem maior número de filhos.

Na verdade, o problema está no sistema político-econômico e social que nos é imposto há 16 anos pelos representantes do latifúndio, do grande capital monopolista estrangeiro e nacional e dos países imperialistas. (...)

Não podemos nos calar diante de mais este atentado à saúde do povo brasileiro.

(DCE de Medicina da UFPB João Pessoa, PB)

SITUAÇÃO DE MORADORES DE S. GONÇALO - RJ

Prefeito quer é mamata

Em São Gonçalo o povo sofre o efeito de uma má administração. Logo que Arismar Dias assumiu a prefeitura, comecei a pedir apenas a retirada de entulhos trazidos das chuvas em frente de minha casa. Fui mais de 8 vezes na prefeitura, até mesmo nas quintas-feiras, dia de audiência com o prefeito, e não consegui falar com ele. Um dia não estava, outro dia só atendia secretários, em outro não podia atender. D. Rosinha, sua secretária atenciosa, cobria suas trapaceas.

Continuei pedindo por telefone e atendiam às vezes Aguinaldo ou Nico-

lau, dizendo secretários, mas só prometendo a limpeza.

Um dia, sem Arismar Dias esperar, na garagem da Prefeitura fui pessoalmente falar com ele. A resposta foi que ele não poderia sair do cronograma de obras para fazer apenas uma limpeza de rua. Foi então que eu entendi que esse fascista só pensa em obras por interesses pessoais. Conservação e limpeza das ruas não o interessam. Ele não tem verba para obras pequenas. É por isso que o Arismar Dias tinha tanta sede de poder.

(N.A.S. - São Gonçalo, RJ)

LUTA DO POVO SALVADORENHO - GO

É preciso dar todo apoio ao povo de El Salvador

A hora final da luta do povo chegou em El Salvador. É lá onde um povo oprimido por centenas de anos escreverá sua página libertária na História.

O processo de luta armada do nosso povo foi iniciado na clandestinidade, desde antes da década de 70. Nas décadas anteriores, o povo sofreu as piores repressões policiais. Isto, é claro, não se deu pela simples vontade assassina de elementos "subversivos" como os diversos governos salvadorenhos sempre gritaram, nem muito menos porque esses elementos façam parte de uma conspiração internacional. Na verdade, o que aconteceu foi que o povo e sua vanguarda fortaleceram sua consciência, analisaram sua história, a história da Humanidade. Tomaram como base de luta ideológica estes elementos, além de estruturar um método de ações próprias e fazer a mais coerente aplicação à realidade nacional até chegar à sua libertação.

Se as massas populares não tivessem alcançado a consciência social que têm hoje, fruto do trabalho forte nas bases e a partir de pequenas lutas, a revolução salvadorenha não teria conseguido chegar ao atual estágio.

Quando na maioria das vezes os

que se encontram fora do país se limitam a fazer fortes críticas ao trabalho armado e de massas que se desenvolve no país, tudo isso é porque interesses próprios impedem estas pessoas de viver a experiência do processo social. Este processo um dia, talvez não distante, culminará na mudança radical de estrutura. Quando isso ocorrer, o sonho burguês acabará.

OPERÁRIO DA NITRO QUÍMICA - SP

Delegado de fábrica necessidade urgente

A Cia. Nitro Química, uma das maiores indústrias da Zona Leste, está se organizando com um número de cipeiros bastante grande. Para averiguar podemos dizer que podem chegar de 3 a 4 por setor. O número calculado, sem certeza científica, pode chegar à casa dos 150 ou 200 participantes.

Eu creio que se os companheiros insistissem junto ao sindicato seria fácil conseguirmos uma comissão de fábrica. Agora passei a acreditar que uma comissão de fábrica é caso de prioridade, principalmente nas grandes empregadoras.

Vou citar um exemplo: no dia 1º de dezembro, foi formado um motim dos trabalhadores de três horários para paralisar a seção-chave. Mas o motim estava mais desorganizado do que cama de gato. Quem chegasse perto do movimento podia notar, rua na certa. Resultado: o motim foi exonerado e muitos foram para a rua. Por um motivo como esse é que acho que os delegados de fábrica têm muita prioridade.

(G.S. - São Paulo, SP)



SOCIÉDADE AMIGOS DE BAIRRO - SP

Os pelegos sairão de nossa Associação

Pelegos comprometidos com partidos e politiqueros governistas, percebendo não ter forças contra a Chapa Popular tentaram banguçar no dia 11 de janeiro, às 10:30 hs, quando os moradores deveriam escolher a nova diretoria para a Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Nordeste no biênio 1981-1982.

Os pelegos, mostrando ser fracos, chamaram a polícia para intimidar os moradores, mas os moradores mostraram que essa tática não funciona mais. O presidente ilegítimo da Sociedade botou 4 conchavados na porta da entidade, onde só passavam pessoas comprometidas com eles, sócios ou não. E proibiam pessoas da Chapa Popular de entrar na entidade. As poucas pessoas que conseguiram

entrar foram proibidas de falar. Quando tentavam falar os capangas gritavam, impedindo a fala da Chapa Popular. Uma pelega proibiu aos gritos um companheiro de gravar as besteiras ditas nesta reunião, dizendo que gravador naquele local é contra a Lei de Segurança Nacional. E a citada diz ser advogada (a OAB deve se manifestar).

Os moradores continuam se organizando, fazendo reuniões na rua e ainda aproveitando as pequenas brechas que a lei nos dá. Iremos ingressar na Justiça, impedindo assim que os pelegos fiquem na Sociedade que foi construída pelo povo, com dinheiro do povo e que só ao povo deve servir. Somos muitos e, unidos, venceremos.

(Moradores do Jardim Nordeste São Paulo, SP)

SITUAÇÃO DO POVO NO INTERIOR - CE

Problema dos homens

Entro em 81 com muitas expectativas de tempos melhores. Contamos com este porta-voz que é você, Tribuna!

No interior do Nordeste, o camponês espera pela chuva, mas certo que não é só Deus que vai resolver. O problema é do homem. Do homem que precisa acordar, para poder contar com o amanhecer. Do homem que precisa pôr em prática uma responsabilidade não assumida.

O povo procura caminhar. Na cidade de Monsenhor Tabosa o povo tomou uma decisão: no dia 4 de janeiro lançou o PMDB. A comissão provisória foi escolhida por representantes de cada comunidade. Estava presentes

TRANSPORTES COLETIVOS EM FORTALEZA - CE

Tramóia de ladrões

Inicialmente quero elogiar a Tribuna Operária. É o único jornal que dá voz aos oprimidos. Peço que a TO conceda um espaço para publicar essa minha carta.

Trata-se de minha revolta com os transportes coletivos de Fortaleza. Não têm horário certo. Demoram de um para outro e quando vêm estão cheios. A gente tem que andar pendurado pelas portas, arriscando a vida.

Agora, aproveitaram o clima de festa de fim de ano e aumentaram os preços das passagens. Foi uma tramóia dos ladrões empresários com os corruptos Lúcio Alcântara e coronel Virgílio Távora.

Como o Brasil está cheio de gover-



DONA-DE-CASA DE PETROPOLIS - RJ

Será que água é um luxo de rico?

Nós, daqui dos bairros populares de Petrópolis somos obrigados a pagar todas as taxas e a aceitar o total abandono em que está nosso bairro. Não temos água durante quase todo o ano e não sei porque nenhuma satisfação nos é dada nem se toma providência, nem por parte da Prefeitura nem por parte da Cedace.

Moro neste bairro da Serra há quase 14 anos e desde que me mudei vivo diariamente com baldes na mão pra pegar água pra beber, pra cozinhar, pra tudo. Já chegamos do trabalho cansadas, onde somos exploradas, maltratadas, humilhadas e ainda temos que chegar em casa pra buscar num ou outro quarteirão um balde d'água pra fazer a comida.

E não é só isso. O esgoto é aber-

BRIGA ENTRE PREFEITOS - MG

Quem manda mais?

O povo aqui do Bairro Industrial - 3ª Seção, há anos vem enfrentando um problema sério. É que não está definido a quem município nós pertencemos. O prefeito de Belo Horizonte diz que é de lá. O de Contagem discorda e quer que seja do seu município. O negócio é que ninguém quer perder a boca dos impostos que saem da Área Industrial. E com isso o povo é quem perde.

A nossa luta é muito antiga. A última batalha foi a de uma comissão que foi falar com o governador Francelino Pereira para ver se ele fazia alguma coisa. Ele recebeu, disse muitas palavras bonitas, falou na televisão que ia resolver. Só que não passou de uma conversa fiada. Logo no fim do ano muitos moradores receberam guia de imposto predial das duas prefeituras.

Nessa confusão o bairro é que sai perdendo. A gente pede as coisas e cada um fica empurrando para o

to, no meio das ruas, que são um verdadeiro depósito de lixo, porque lixo só passa uma vez por semana e olhe lá! E o mais engraçado é que tem canos de água abertos nas ruas jogando água fora durante meses e eles não ajeitam. Quer dizer que nossa falta de água é safadeza mesmo. Pipa d'água é só pros ricos, se a gente pede eles não levam.

Outro dia uma família que se mudou para junto de onde eu moro, pediu uma pipa. Eles foram levar. Só que como não havia ninguém em casa e eles jogaram a água toda no meio da rua. A gente pedia para eles cederem a água pra gente e eles nem ligavam. Espero apenas que a Prefeitura tome vergonha na cara e tome alguma providência.

(Uma moradora do Alto da Serra Petrópolis, RJ)

Agora parece que vai complicar. Um grupo escolar que estava sendo construído pela Prefeitura de Contagem, estão dizendo que as obras vão parar porque o prefeito de Belo Horizonte, Maurício Campos, mandou. O que um faz o outro atrapalha. E todos os dois só fazem prometer.

Nós temos é que continuar a luta porque a situação do bairro está muito ruim. Lixo nas ruas, porque não passa caminhão. Não tem esgoto, a água fica empossando, fazendo lama. O transporte é de morador.

Mas o povo do bairro já lutou muito e vai continuar lutando, porque a gente sabe que sem briga não se consegue nada. A não ser umas faixas de propaganda para querer ficar com as vitórias do povo, como o calçamento.

(Núcleo de amigos da TO no Bairro Industrial, MG)

LAVADEIRAS - AC

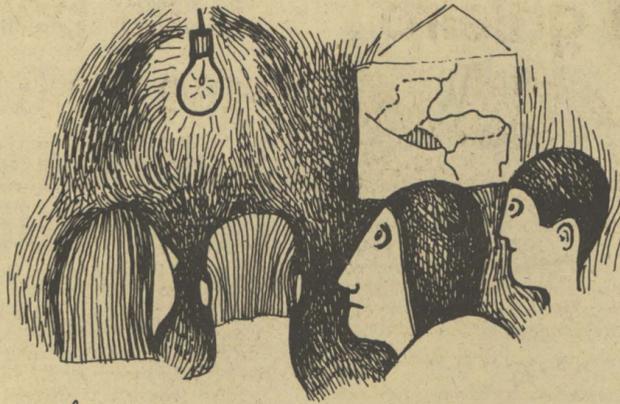
Igualar o salário

Nós, da diretoria da Associação Profissional das Lavadeiras de Rio Branco, Estado do Acre, vimos através desta dar nosso apoio a este vitorioso jornal que é a Tribuna Operária. Este jornal vem se destacando em todo o Brasil, levando força e coragem aos sindicatos, fortalecendo as diretorias e ensinando como se deve mexer com as massas.

Somos uma associação nova, pois nunca se ouviu falar em organização das lavadeiras! Pois nós, aqui no Acre, já nos organizamos há dois anos. Temos uma liderança muito quente. Já conseguimos nos organizar em três municípios do município de Rio Branco.

A finalidade de nossos trabalhos é lutar por uma tabela onde todas as lavadeiras tenham salário igual, para romper esse salário de miséria. Com a força e a união acabaremos sendo libertados desta escravidão.

(Guilhermina Barroso dos Santos, presidente e Maria da Costa Santos, secretária da Associação das Lavadeiras Rio Branco, AC)



Convidamos os salvadorenhos residentes no Brasil ou em qualquer outro país da América do Sul a manifestar-se a favor da causa salvadorenha e poder assim coordenar uma série de atividades para ajudar nosso povo. Escreva para Caixa Postal 588, Goiânia, GO, CEP 74.000.

(Bloco de Solidariedade Juan Chacón - Goiânia, GO)

(Um leitor da TO que faz das tripas coração para poder sustentar a família - Fortaleza, CE)

A campanha do medo

Remem, senhores burgueses do Rio de Janeiro! Um exército de assaltantes ameaça sua vida tão boa nos bairros elegantes da Cidade Maravilhosa! O crime transbordou da Baixada Fluminense e está à solta nas praias da Zona Sul! Os meliantes já não respeitam nem os banqueiros, nem as damas da alta sociedade, nem mesmo — pasmem, senhores — os generais do Exército! Sim, senhores, tremam, e exijam medidas drásticas — prisão cautelar, pena de morte, execução sumária de marginais, tropas do Exército nas ruas!

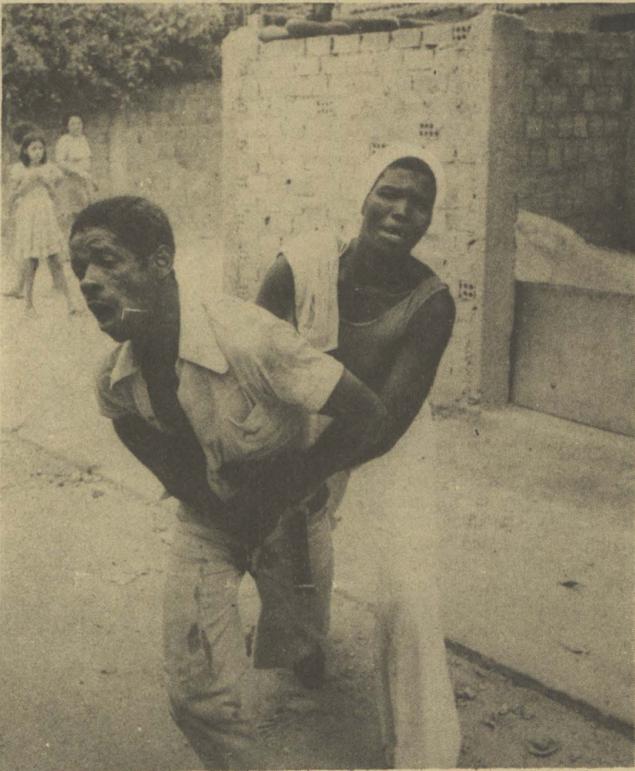
É este o recado da campanha de propaganda que ganhou força no Rio neste início de ano. Já não são apenas jornais como **O Dia**, do governador Chagas Freitas, que vivem de manchetes sangrentas. É também o "respeitável" **Jornal do Brasil**; é a poderosa **TV Globo**. É o secretário de Justiça do Estado, Erasmo Martins, que defende desavergonhadamente a pena de morte, dizendo que "aquele que mata tem que responder com a própria vida". São os ministros Abi Ackel, da Justiça (!), e Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica, que levantam a possibilidade das Forças Armadas assumirem o policiamento da cidade.

CHEIRO DE FASCISMO

Dona Zuleica, dona-de-casa, ativista da Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, denuncia essas falsas soluções: "Eu acho que botar o Exército, a Marinha na rua não resolve. O que o povo precisa é comida na panela. E essas matanças feitas pelo **Esquadrão da Morte**, pra mim, são um teste para acostumar o povo com a morte, porque eu tenho certeza que eles sabem que não resolve nada. Se é para matar (e eu sou contra a pena de morte), deviam matar os culpados, os poderosos, os que estão matando o povo de fome!"

Mas se as soluções são falsas, a campanha do medo surte outros efeitos. Ela explora a insegurança da opinião pública, principalmente das classes apastadas, para justificar a outra violência, policial-mili-

No auge do reinado de Al Capone em Chicago havia oito crimes de morte por semana. No Rio de Janeiro de hoje há 48! Quem sofre, quem causa e quem explora a violência. Campanha do medo cheira ao fascismo.



Cena da Baixada Fluminense: morador baleado em pleno dia, na virilha

tar, muito maior e muito pior do que a dos marginais. Neste sentido, é uma campanha com forte cheiro de fascismo. Jogar com o medo, promover intranquilidade e praticar a violência sempre foi uma especialidade dos fascistas, na busca de base social para seu regime de terror antipopular.

FRUTO MALIGNO DO CAPITAL

Não se pode dizer que isso não surta efeito, não só na orla marítima

gráfinas mas também na Baixada Fluminense, que tem a maior taxa de criminalidade do país. Dona Zuleica, porém, fala sem papas na língua. Anos de trabalho nos bairros operários de Nova Iguaçu, "cem por cento integrada nos movimentos populares", ensinaram-lhe que o medo não resolve. Ela reconhece que a violência é um fato, que "está na boca do povo igual o custo-devida". Dá seu próprio exemplo — já foi assaltada quatro vezes. Porém na hora de apontar soluções, vai ao fundo do problema. "Combate ef-

caz — diz — só quando o povo assumir a luta pela mudança do sistema político e econômico. A raiz está na fome, no desemprego, no tóxico. A árvore do capitalismo continua produzindo seus frutos malignos. É preciso cortá-la".

Outra senhora, moradora da Baixada há 24 anos, que pediu para não ser identificada, dá alguns exemplos desses frutos: "Aqui é tudo sub: submundo, subtrabalho, subtransporte, sub-escolas. Os bairros não nascem, são abortados. Na Baixada somos todos marginais, vivemos à margem de tudo. E se reclamamos somos taxados de comunistas!"

"ENCHIA A CARA E IÁ"

Vicente, jovem morador de Belford Roxo, considerado o lugar mais violento do mundo, dá também seu depoimento: "Em 74, quando eu vim de Minas, pobre comia arroz com feijão e carne seca. E hoje?" Ele já foi seqüestrado por assaltantes, confundido com outra pessoa, e viu a morte de perto. E conta também da conversa que teve certa vez com um colega de trabalho, na fábrica têxtil "Nova América": "Ele me disse que tinha que assaltar de vez em quando, para não ver a família passar fome. Enchia a cara de maconha e ia. Chamava-se José Carlos, morreu assassinado. Deixou mulher e três filhos".

E SE HÁ UMA REBELIÃO?

Com o trabalhador vivendo deste jeito, a violência só pode aumentar. Em primeiro lugar a violência diária, massacrante, da exploração do homem pelo homem. Também a violência estúpida, estéril, degenerada, dos explorados que escorregam para o crime. Igualmente a violência da polícia, do Exército, fardada e armada para reprimir o povo. E, afinal, num clima assim, quem poderá atirar a primeira pedra se o povo espoliado da Baixada Fluminense e do Brasil lançar mão do recurso supremo da "rebelião contra a tirania e a opressão", conforme as palavras da Declaração Universal dos Direitos Humanos?

ACIDENTE NO PORTO - RS

Carga pesada matou estivador gaúcho

Total falta de segurança no porto traz constantes acidentes. O estivador Francisco Brum morreu esmagado. Categoria revoltada tenta fazer greve mas o Sindicato não ajudou.

Por falta de segurança no trabalho, morre mais um estivador em Porto Alegre-RS. Na madrugada do dia 22 de janeiro, rompeu-se uma caixa de madeira que continha cinco barras de ferro de 100 quilos cada, e uma das barras atingiu o estivador Francisco Brum. Quinze minutos depois o operário morreu.

MUITOS ACIDENTES

Acidentes graves entre os estivadores são comuns. Só no ano passado foram 36. O motivo, na maioria das vezes é o mesmo: más condições de trabalho e falta de segurança. Assistência aos acidentados não existe. Há oito meses a ambulância do porto está parada, esperando conserto. O enfermeiro que ficava de plantão foi demitido há quatro meses e até hoje não contrataram outro.

Mas se as condições de trabalho são ruins, a solidariedade entre os trabalhadores do porto é muito grande. Logo depois do acidente e durante todo o dia seguinte, nenhum estivador trabalhou. As outras categorias, conferentes de carga e descarga, portuários e arrumadores, através de seus sindicatos, se dispuseram a fazer uma greve exigindo melhores condições de trabalho e protestando pela morte do companheiro. Mas o presidente do Sindicato dos Estivadores não concordou com a greve e a idéia morreu na casca.

SALÁRIO POR TAREFA

A exploração campeia à solta pelo porto. Além das péssimas condições de trabalho, o pessoal que trabalha ali é extremamente roubado pelas companhias de navegação. Os trabalhadores ganham por

tarefa. Se não chega navio, não tem dinheiro.

Segundo denúncias do presidente do Sindicato dos Conferentes de Carga e Descarga dos Portos Fluviais do Rio Grande do Sul, Eduardo Rech, para não pagar as "operações do porto" aos estivadores, conferentes de carga e descarga, portuários e arrumadores, os grandes grupos econômicos — proprietários das companhias de navegação — colocam um oficial da Marinha em suas diretorias. Assim conseguem facilmente financiamento da **Sunamam** (Superintendência Nacional da Marinha Mercante) e com esse dinheiro, ao invés de construir navios, constroem "chatas". Isso para lançar mão do dispositivo de lei que isenta essas embarcações do uso de mão-de-obra do porto. O trabalho é feito pela própria tripulação das chatas.

CATEGORIA NO ABANDONO

Aliás, as tripulações fluviais e lacustres também são superexploradas. Os salários são fixados conforme acordo entre empregado e patrão. Geralmente é o salário-mínimo e mais um pouco pelas possíveis horas extras. Essas possíveis horas extras são aos domingos e feriados pelo trabalho de carga e descarga das mercadorias.

Essa categoria, que hoje no Rio Grande do Sul atinge quatro mil trabalhadores, não tem ninguém por ela. Sua carta sindical foi cassada logo após o golpe de 1964 e até hoje a situação não mudou. Se alguém abre a boca, reclama qualquer coisa, é posto na rua sem direito a nada.

(Da Sucursal)

Tribuna Operária

CONFISSÕES DE FIGUEIREDO

Governa mal e acha bom

Não houve festa no aniversário do general Figueiredo. O governo, escurrecando para uma séria crise, não tem o que comemorar. Muito menos o povo, que paga os fracassos da política oficial e já está farto de ser des governado por generais. Mas, em compensação, o que se disse no Palácio do Planalto naquele dia foi o próprio **Festival de Besteria que Assola o País**, como diria o saudoso Stanislaw Ponte Preta.

PUXA-SAQISMO

Dos 18 ministros que foram cumprimentar Figueiredo, a maioria está na corda bamba. Como o governo não resolve nenhum dos problemas que se amontoam no país, tem de estar de vez em quando trocando um deles, para fingir que as coisas vão melhorar. Talvez por isso, eles escolheram como porta-voz da sua saudação ao general aniversariante um rematado puxa-saco, Abi Ackel, da pasta da Justiça (!), que no tempo de deputado flertava com a oposição mas agora que virou ministro é o mais servil dos figueiredistas.

E Abi Ackel caprichou. Chamou Figueiredo de equilibrado, corajoso, homem de intuição política e, perdendo de vez as estribeiras, de "estadista que não tem compromisso senão com o critério superior da Justiça".

NÃO PRESTA NEM SE EMENDA

Algumas horas antes, em conversa com parlamentares do PDS, Figueiredo já havia confessado: "Não tenho nenhuma veia política, não tenho mesmo senso político nenhum — reconheço isso". E na hora de agradecer à bajulação ministerial o "grande estadista" meteu os pés pelas mãos, em mais uma demonstração de que é mesmo o homem errado no lugar errado.

Fazendo o balanço de seu governo, Figueiredo disse que "os erros, sei que muitos houve, eu debito à



minha maneira de ser". E deu logo um exemplo da sua "maneira de ser", do seu estilo cavalarião, dizendo: "O nosso governo pode não ser um bom governo, mas é um governo com que todos nós — presidente, vice-presidente e seus ministros — se sentem bem".

ACERTOS É QUE NÃO HÁ

O leitor certamente não achará novidade na avaliação de Figueiredo, de que o governo teve muitos erros. Novidade seria se ele apontasse um acerto sequer na sua gestão. Do ponto de vista do trabalhador, da dona-de-casa, do jovem brasileiro, a política que orienta o país está errada de ponta a ponta, pois, quando traz algum benefício, é exclusivamente para as multinacionais, para os banqueiros, os grandes capitalistas e exploradores da cidade e do campo.

Mas o pior é que o general-presidente da República não vacila em dizer que o governo pode não ser bom que mesmo assim ele e seus ministros se sentem bem. Palavras

assim só podem sair de quem governa num círculo fechado como a "Gang do Planalto", isolada do povo e do quadro calamitoso que o Brasil apresenta. É muito cinismo!

GOVERNO ASSIM NÃO

Mas os brasileiros na sua grande maioria não se "sentem bem" com o governo Figueiredo e sua política de fome, repressão e entreguismo. Mais ainda, vão se convencendo de que este governo não merece, não deve, não pode continuar, por mais que isso desagrade Figueiredo e seus ministros, que se sentem tão bem mandando e desmandando no país.

E as confissões de Figueiredo só podem estimular a luta dessa maioria por um novo governo.

NÃO DÁ PRA PACTUAR

Numa situação assim, causa surpresa e mal-estar ouvir líderes de partidos oposicionistas, como o ex-governador Leonel Brizola, acenarem com a idéia de um pacto governo-oposição. Como pactuar com um governo desses? E para que? Se o próprio general-presidente admite que o governo não é bom, o que se espera da oposição é que estreite suas fileiras em torno de uma plataforma unitária, convoque as grandes massas do povo e combata, com vigor redobrado, para apagar do Planalto os atuais donos do poder.

Os oposicionistas que dão ouvidos ao canto de sereia do pacto argumentam que os problemas do país são seríssimos. E é verdade. Dizem também que isso exige muita união, o que é igualmente verdadeiro. Mas evidentemente a união não pode ser com os causadores dos problemas, mas sim contra eles, para derrubá-los. Na situação em que o Brasil chegou, o único pacto aceitável é aquele entre os trabalhadores, o povo e todos os democratas, para conquistar a mais ampla democracia e uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana.

LIGHT EM CAMPANHA - SP

Eletricitários com energia

"Vamos parar já!"; "Greve agora!"; "Não tem mais conversa não!"; "Vamos dar um choque na Light!"; Estas foram algumas das frases gritadas no final da assembleia dos eletricitários de São Paulo, dia 27, pelos quase três mil trabalhadores que lotavam a sede do sindicato e também na rua. Elas demonstram a energia desta categoria, de 16 mil trabalhadores, que tem sido de ano a ano mais explorada e humilhada.

A greve só não foi decretada na ocasião devido a insistentes pedidos de "um voto de confiança", feitos pelo presidente do Sindicato, Antonio Magri. Ele insiste que há ainda possibilidades de negociação. "Não podemos radicalizar, nós somos inteligentes", costuma repetir em todas as assembleias. Só que até agora a Light e o governo têm sido bastante intransigentes; os eletricitários exigem 2.300 cruzeiros de produtividade e 41 mil de gratificação de férias; e a empresa, que monopoliza toda a energia elétrica do Estado, só ofereceu um mil e quinhentos de produtividade e 20 mil de abono. Quanto à reivindicação da implantação do quinquênio, não há nem resposta.

A assembleia decisiva será no próximo dia 4. Caso não haja proposta melhor do governo nem manobra, haverá greve geral da categoria.

LIGHT AMEDRONTADA

"Lá no Cambuci o povão está com muita vontade de fazer uma greve. A vida está dura e a gente tem que mudar", comenta um funcionário da manutenção que ganha 15 mil cruzeiros, tem dois filhos e mora de aluguel. No Cambuci se encontra a principal Estação de transmissão de energia, com três mil operadores, todos ganhando em torno de três salários mínimos. Para uma greve vitoriosa a parada do Cambuci é essencial e os trabalhadores sabem disso. Tanto é que mais de 300 responderam ao primeiro chamado de reunião para preparar a greve.

E a Light já sentiu que pode levar um choque. Na manhã do dia 27, ela reuniu os funcionários nos escritórios e subestações para criar um clima de medo. "Na agência Ipiranga, relata um jovem escriturário, o



Nas votações demonstração de firmeza: não às ninharias da Light.



Magri, o presidente, sempre pedindo calma e confiança na empresa.

chefe veio falando manso, dizendo pra gente não ir ao sindicato e pensar na família. Mas o pessoal nem ligou. Afinal o que a gente ganha já não dá mesmo para cuidar da família".

ACATAR A GREVE

Alguns eletricitários não gostaram da decisão da assembleia do dia 27. Para eles, São Paulo já devia estar no escuro, o metrô parado, as máquinas também, não para o prejuízo da população, mas como forma de pressão. Já há críticas duras a Magri, o único que fala nas assembleias. "Ele está enrolando muito. Parece com medo de perder seu salário de presidente", comenta outro funcionário do Cambuci.

Mas se Magri não acatar a decisão da assembleia do dia 4 perderá o crédito da categoria. Algumas vaias ele já recebeu. Outro membro da diretoria, Rubens Fandino, raciona: "A categoria vai ter uma decepção se o sindicato não assumir a luta. Eu acho que é hora do sindicato assumir seu papel. Eu não nasci no sindicato e não quero morrer nele, por isso se os companheiros quiserem parar eu participo, mesmo com prisão e cassação do mandato". Fandino levanta os pontos positivos que esta campanha salarial já trouxe: o surgimento de lideranças e a necessidade sentida de maior organização nas Estações, subestações e escritórios.